

**O CONCEITO DE REFLEXÃO CRÍTICA
NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA:
PROBLEMÁTICAS QUE GERAM ALUNOS QUE *QUESTIONAM***

Alana Bardella da Silva (UEMS)

8bardella@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

As novas tecnologias de comunicação, a globalização e manifestações culturais transnacionais têm provocado mudanças nas práticas sociais. Nessa perspectiva, faz-se necessário o surgimento de novas teorias que contribuam para uma educação crítica. Vale mencionar as teorias de letramentos críticos, novos letramentos e multiletramentos que contribuam para uma educação que relaciona linguagem como prática social. Os conceitos de crítica e criticidade tem emergido no âmbito educacional. Tais conceitos, divulgados e vivenciados na perspectiva didático-pedagógica-acadêmica e a função da crítica e do letramento crítico na educação, tem diversos conflitos interpretativos, tais como as palavras "crítica" e/ou "senso crítico", frequentemente aplicadas de maneira que pressuponha julgamento. A indisposição a algo, o veredito incontestável que outrora, tinha a intenção de revelar "verdades" baseadas no texto, torna-se insuficiente quando se trata da percepção de que o leitor está no mundo e com o mundo. Quando o "eu" se vê como sujeito social, passa a conhecer e interpretar o mundo, seus valores e conceitos, e a construir sentido a partir de uma análise coletiva. Assim, o letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais e sociais, e valores ideológicos. Assim, Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (2011) propõe redefinir o conceito de "crítico". Assim, Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (2011), retoma o conceito de conscientização de Paulo Freire (2005). Para este, o indivíduo deixa as leituras ingênuas para desenvolver leituras mais críticas e consequentemente a construção de significado por meio dessas últimas. Nesse sentido, o indivíduo passa a ter uma consciência de que ele não está sozinho no mundo, considerando o momento histórico no qual tal leitor se situa, pois ele acaba influenciando suas visões em relação ao texto.

Palavras-chave: Reflexão crítica. Língua estrangeira. Questionamento.

1. Introdução

As novas tecnologias de comunicação, a globalização e manifestações culturais transacionais têm provocado mudanças nas práticas sociais e o contexto educacional não fica de fora. Nessa perspectiva, faz-se necessário o surgimento de novas teorias que contribuam para uma educação crítica. Diante disso, vale mencionar as teorias de letramentos crí-

ticos, novos letramentos e multiletramentos que contribuem para uma educação que relaciona linguagem como prática social.

Os conceitos de crítica e criticidade tem emergido no âmbito educacional. Tais conceitos são amplamente divulgados e vivenciados na perspectiva didático-pedagógica-acadêmica e a função da crítica e do letramento crítico na educação tem diversos conflitos interpretativos, tais como: as palavras “crítica” e/ou “senso crítico” são com frequência aplicadas de maneira que pressuponha julgamento. A indisposição a algo, o veredito incontestável – quase sempre individual – que outrora, tinha a intenção de revelar ou desvelar “verdades” somente baseadas no texto, torna-se insuficiente quando se trata da percepção de que o leitor está no mundo, mas também com o mundo. Quando o “eu” se vê como sujeito social, com identidade sócio-histórica, ele passa a conhecer e interpretar o mundo, seus valores e conceitos e construir sentido a partir de uma análise coletiva, ou seja, admite o letramento crítico.

Desta forma, o letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais e sociais e valores ideológicos. Nessa mesma linha de raciocínio Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (2011) propõe redefinir o conceito de “crítico”. Para essa redefinição, Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (2011), retoma o conceito de conscientização de Paulo Freire (2005). Para este, o indivíduo deixa as leituras ingênuas para desenvolver leituras mais críticas e consequentemente a construção de significado por meio dessas últimas. Nesse sentido, o indivíduo passa a ter uma consciência de que ele não está sozinho no mundo e que é preciso considerar o momento histórico no qual tal leitor se situa, pois esse momento acaba influenciando suas visões em relação ao texto que lê.

2. Multiletramentos: compreendendo definições

As mudanças sociais e tecnológicas têm provocado uma transformação na área da linguagem, pois, as maneiras de ler e escrever hoje acompanham novas formas de ver e entender o mundo, ou seja, isso exige novas práticas de letramentos, Roxane Helena Rodrigues Rojo (2012). Assim, essas práticas de letramentos têm contribuído para constantes construções de identidade.

A palavra letramento, segundo Magda Soares (2005, p. 17) é recém-chegada ao vocabulário da educação e das ciências linguísticas e

ainda não está presente nos dicionários impressos aqui no Brasil como, por exemplo, no Aurélio e Borba, mas é possível encontrá-la no Google. Segundo a autora, o termo vem do inglês *literacy* que por sua vez, deriva-se filologicamente do latim *littera*, que quer dizer letra.

Em português, trata-se de uma palavra nova, tomada de empréstimo ou criada a partir do termo da língua inglesa. *Literacy*, em inglês, surge na década de 1980 em muitos países da Europa e América, a partir da necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e escrita mais avançadas e complexas que o simples ato de ler e escrever (textos simples).

Nessa concepção, a alfabetização “é um processo de aprendizagem contínua na vida de uma criança, um jovem e um adulto, ela é fundamental para que possamos desenvolver nossos conhecimentos” (SOARES, 2005, p. 24). A referida autora caracteriza a alfabetização como ação de ensinar a ler e a escrever.

Já o termo *letramento* é caracterizado como o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita”. Nesse sentido, a autora cita Paulo Freire (1989) para quem “o domínio sobre os signos linguísticos escritos, mesmo pela criança que se alfabetiza, pressupõe uma experiência social que o precede – a da *leitura* do mundo”, que chamamos de letramento. (SOARES, 2005, p. 25)

De acordo com a autora citada anteriormente, um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas, ser de certa forma letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura, escrita e práticas verbais e visuais em seu contexto social. Porém, segundo a autora a alfabetização e o letramento são processos diferentes, mas relacionados entre si.

Nesta acepção, percebe-se que o conceito de letramento é bastante abrangente, contextualizado e complexo. A referida autora postula que, devido às mudanças sociais, culturais e históricas vivenciadas em nossa sociedade, esse termo vem sofrendo uma série de novos significados, ou seja, todos os recursos, pois as práticas significativas no processo ensino/aprendizagem estão sempre ligadas a alguma forma ou formas de ser/estar no mundo Street (*apud* SOARES, 2005).

Parafraseando Magda Soares (2005), os indivíduos utilizam uma série de modos representacionais e possuem vários meios de produção de

significado que envolvem linguagem, leitura, escrita. Nesse mesmo sentido Monte Mór e Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (2006) postulam que as práticas de letramento surgem, precisando ser explicadas, confrontadas a partir de novas práticas de leitura, ou seja, práticas de letramentos em novos contextos. Sendo assim, o letramento crítico não pode mais se contentar apenas em entender como o texto está no mundo; ele precisa também entender como o texto e a leitura do texto estão com o mundo nos termos de Paulo Freire (*apud* MENEZES DE SOUZA, 2005).

Dito de outra forma, o processo de ler criticamente envolve aprender a escutar não apenas o texto e as palavras que o leitor estiver lendo, mas também – e talvez mais crucialmente no mundo de conflitos e diferenças de hoje – aprender a escutar as próprias leituras de textos e palavras. Isso quer dizer que, ao mesmo tempo em que se deve aprender a escutar, é preciso aprender a se ouvir escutando Paulo Freire (*apud* MENEZES DE SOUZA, 2011).

Nesse sentido, Paulo Freire (2005, p. 157, *apud* MENEZES DE SOUZA, 2011) enfatiza o papel da importância de aprender a escutar/ouvir. Assim, os referidos autores nos lembram de que “... no fundo, não é falando que eu aprendo a falar, mas escutando que eu aprendo a falar”.

No entanto, essa definição do “eu” com o “não-eu”, do semelhante com o diferente, do indivíduo com o coletivo é enfatizado de forma inédita por Paulo Freire:

Não é a partir de mim que eu conheço você... é o contrário. A partir da descoberta de você como não-eu meu, que eu me volto sobre mim e me percebo como eu e, ao mesmo tempo, enquanto eu de mim, eu vivo o tu de você. É exatamente quando o meu eu vira um tu dele, que ele descobre o eu dele. É uma coisa formidável. (FREIRE, 2005, p. 149, *apud* MENEZES DE SOUZA)

A teoria crítica social de Paulo Freire (2005) contribuiu para os leitores no sentido de ressignificar reflexivamente seu pensamento e desenvolver a consciência crítica. Dialogando com as mesmas teorias de Paulo Freire, (2005) Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (2011) reforça a importância daquilo que o leitor possui para o ato de ler e construir significados, ou seja, aquilo que o seu contexto sócio-histórico acrescenta na construção das percepções individuais. É necessária, segundo o filósofo citado, uma transformação das leituras “ingênuas” de mundo para leituras mais “rigorosas”, apuradas e críticas.

Portanto, o letramento crítico visa à inclusão do indivíduo no mundo. No entanto, para efetivamente fazer parte da sociedade contemporânea globalizada e atuar dentro e sobre ela, o aprendiz deve ter acesso às diferentes modalidades e dimensões da linguagem da era tecnológica atual. O leitor-cidadão que se pretende formar pode usar da linguagem visual, digital, multicultural e crítica, cotidianamente. Além disso, faz-se urgente tal formação, pois a velocidade e facilidade de acesso às informações possibilitadas pelas inovações tecnológicas aumentam cada vez mais. Consequentemente, são exigidas dos indivíduos novas formas de utilização da leitura e da comunicação verbo-visual (KRESS, 2000). Nesse sentido é que se vale mencionar os Multiletramentos.

O termo *multiletramentos*, segundo Roxane Helena Rodrigues Rojo (2013) foi definido pelo New London Group. De acordo com a autora, o grupo destaca dois aspectos principais da sociedade contemporânea: o primeiro foi a proliferação de meios semióticos diferentes em textos de gêneros diversificados. Já o segundo, foi a crescente diversidade linguística e cultural caracterizada pelas inter-relações locais e globais entre diferentes culturas e etnias, facilitadas pelas tecnologias digitais. Segundo a autora o New London Group se preocupava com uma “educação linguística adequada a um alunado multicultural” (ROJO, 2013, p. 14).

Para Bill Cope e Mary Kalantzis (2000), os fundamentos da pedagogia dos multiletramentos auxiliam os educadores e alunos como agentes com potencial de mudanças sociais, nos diversos âmbitos da sociedade e contextos que vivenciamos, respeitando-se essa nova ordem social, fluida, incerta, plural e também desigualmente constituída que hoje vivenciamos.

Para Roxane Helena Rodrigues Rojo (2013), as propostas dessa renovada pedagogia dos multiletramentos, nos convidam a reconstruir nossas vidas e futuros, por meio da contínua reconstrução de saberes e práticas que nos tornam capazes de atuar em nosso contexto.

Assim, para a referida autora, a sociedade moderna possibilita a convivência com formas variadas e simultâneas de interação humana, ou seja, inúmeras maneiras de ler, interpretar e agenciar o mundo, demandando novas e constantes revisões. Essas múltiplas perspectivas em que a produção de sentido ocorre são chamados multiletramentos (COPE & KALANTZIS, 2005). Assim, a formação para os multiletramentos envolve o desenvolvimento da capacidade do indivíduo para lidar com a

multimodalidade (KRESS, 2003), cada vez mais presente nos textos da era atual, tanto nos impressos quanto nos digitais.

Assim sendo, para Gunther R. Kress e Theo van Leeuwen, (1996) é relevante que o indivíduo tenha uma prática para crítica em diferentes contextos sociais por meio das tecnologias digitais, pois, hoje os dispositivos informáticos disponíveis na rede digital de comunicação possibilitam a criação de formas sociais e comunicativas. Segundo Gunther R. Kress e Theo van Leeuwen (1996):

[...] de letramento digital que privilegiam aspectos técnicos, tornam-se inerentes na relação sociedade-tecnologia, se pensarmos que as tecnologias são sempre um meio para construção de significados e relacionamento entre os indivíduos de um grupo. As tecnologias contemporâneas de página ou produção de texto tornam fácil combinar diferentes modos de representação – a imagem pode ser combinada com o verbal, som pode ser adicionado à imagem, a imagem em movimento é possível. (KRESS & VAN LEEUWEN, 1996, p. 56)

Gunther R. Kress e Theo van Leeuwen (1996) deixa claro que a formação para os multiletramentos envolve o desenvolvimento da capacidade do indivíduo para lidar com a multimodalidade, pois, devido ao grande impacto das novas tecnologias, que exploram cada vez mais as imagens e os sons aliados ao texto como forma de chamar a atenção do interlocutor e de facilitar a compreensão da mensagem, surgiu um novo modo de olhar para análise de textos: a multimodalidade Gunther R. Kress e Theo van Leeuwen (2003).

Isso acontece em parte porque, para Colin Lankshear e Michele Knobel (2002) os meios impressos (o livro) estão perdendo lugar para o espaço híbrido, plural, simultâneo e dinâmico que é a Internet. Os referidos autores, eles afirmam que, por ser um meio onde as pessoas têm acesso a um contingente muito grande de informações de uma maneira rápida e dinâmica. A Internet vem sendo nos últimos anos considerada um espaço de interação socioideológica entre homem e a máquina onde os participantes teriam acesso às novas culturas, realidades, desenvolvendo seus conhecimentos.

Corroborando tais autores, Nara Hiroko Takaki (2012) afirma que ao longo dos anos, o homem desenvolveu uma maneira complexa de ver o mundo, levando em consideração a multiplicidade e simultaneidade das percepções que os novos contextos suscitaram. Segundo Nara Hiroko Takaki:

Nossas experiências iniciais no mundo nos revelam que organizamos nossos prazeres, medos e necessidades com base naquilo que vemos, olhamos, vi-

sualizamos, contemplamos, observamos, descobrimos, reconhecemos, percebemos, examinamos. (TAKAKI, 2012, p. 143)

Desse modo, concordo com a referida autora, no tocante à questão relacionada ao caráter da mudança na modernidade e na forma com a qual vemos o mundo. Nesse sentido, é que se faz relevante mencionar a prática de letramento para os ambientes digitais, pois, hoje com as novas mídias, muitos usuários de internet podem editar um vídeo com imagens, sons, seja ele por computador, ou outro objeto digital, criando, reproduzindo nos ambientes virtuais, é nesse sentido que Roxane Helena Rodrigues Rojo (2012) salienta um letramento multimidiático, para ela, é importante refletir sobre todas as mídias.

Dessa forma, se faz relevante um letramento digital. Xavier (2005, p. 133) afirma que, o letramento digital é uma extensão da noção de letramento para os ambientes digitais. Para ele, os suportes digitais como a Internet e outros recursos tecnológicos estão em constante mudança e, por seu grande alcance e disseminação entre as pessoas, acabam por introduzir muitas mudanças acerca do papel da leitura e da escrita, ou seja, novas práticas sociais no meio eletrônico-digital.

Para Roxane Helena Rodrigues Rojo (2012), as novas tecnologias têm exigido do indivíduo habilidades de leitura em relação aos textos multimodais que combinam imagens, áudio, cores, dentre outros. Dessa forma as mudanças tecnológicas provocam uma profusão de imagens na mídia. Nesse sentido, é que se vale enfatizar o letramento visual, postulado por Gunther R. Kress e Theo van Leeuwen (2003). Assim, o autor chama a atenção para uma mudança no desenvolvimento da comunicação visual, pois a representação visual está cada vez mais adquirindo sentido e expressão e não só fazendo o papel de complementar o texto verbal. A imagem visual passa a ter sua própria identidade, isto é, imprimindo um caráter de autonomia em relação ao texto verbal.

O letramento visual pode ser mais impactante que palavras e isso nos faz dar um novo sentido ao que vemos. A imagem dialoga com o texto verbal formando um todo significativo. As imagens fazem com que as pessoas mergulhem em um mundo diferente do verbal. Nesse mundo elas são convidadas a pensar, analisar, julgar e interagir com o que, Gunther R. Kress e Theo van Leeuwen (2003).

Gunther R. Kress e Theo van Leeuwen (1996) chamam essa interação entre imagem e leitor de representação e interação, e também a interação entre o produtor e espectador da imagem, ou seja, a interação que

envolve os participantes representados (pessoas, lugares, coisas representadas em imagens) e os participantes interativos (pessoas que se comunicam com outra por meio de imagens, os produtores e os espectadores dessas imagens). Para Gunther R. Kress e Theo van Leeuwen (2003, p. 35) defendem que as teorias linguísticas são incapazes de “[...] fornecer uma explicação total do que é e o que faz o letramento; a linguagem por si só não nos pode dar acesso ao significado de uma mensagem constituída de forma multimodal”.

Nessa esteira de pensamento, nas palavras de Gunther R. Kress e Theo van Leeuwen (1996, p. 183) texto multimodal “é aquele cujo significado se realiza por mais de um código semiótico”. Desse modo, a análise de um texto deve focar mais os sistemas semióticos, em lugar de uma linguagem baseada apenas em sistemas de escrita. No vídeo produzido, utilizamos a fala, os sons, imagens, texto escrito etc. As imagens servem como um treinamento mental para que as pessoas sejam capazes de aperfeiçoar seu julgamento do mundo, seu pensamento crítico e criativo. Corroborando os referidos autores citados acima, Nara Hiroko Takaki (2012) postula que o letramento visual instiga a criatividade (a imaginação), o pensar por si próprio, isto é, as imagens servem como uma prática social.

3. Considerações finais

Esta pesquisa teve por objetivo narrar por meio das diversas teorias já partilhadas o quanto as definições de letramento e novos letramentos, bem como letramento crítico mudam e influenciam na amplitude de visão e mudança nas práticas sociais, bem como na formação de alunos e cidadãos questionadores.

Assim, tais teorias são postuladas por alguns teóricos, como por exemplo, Magda Soares (2005) que segundo ela, os indivíduos utilizam uma série de modos representacionais e possuem vários meios de produção de significado que envolve linguagem, leitura, escrita. Para Colin Lankshear e Michele Knobe (2005), o letramento crítico não constitui um fim em si. Os autores salientam que o letramento procura conscientizar o leitor de que os textos são produzidos, distribuídos e interpretados de acordo com objetivos, práticas, interesses socioeconômicos, políticos e culturais. Sendo assim, o letramento crítico desenvolve no indivíduo, a capacidade de leitura, que vai além da mera atribuição ao sentido ao texto em estudo, de forma a capacitar o leitor a participar ativamente no complexo social no qual ele interage.

Este trabalho propôs a estimulação pelo meio digital que tece a partilha de identificação e identidade, a partir de uma reflexão crítica e contemplando interpretações que se engajem em meio a multiplicidade e a indiscutível experiência pessoal, emocional, cultural e o que o indivíduo possa obter.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERVETTI, Gina; PARDALES, Michael J.; DAMICO, James S. A Tale of Differences: comparing the traditions, perspectives and educational goals of critical reading and critical literacy. *Reading on line*. Disponível em: <<http://www.readingonline.org/articles/cervetti>>. Acesso em: 10-05-2017.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. (Eds.). *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000.

KRESS, Gunther R.; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge. 1996

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *New Literacies. Changing Knowledge and classroom learning*. UK: Open University, 2005.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade. Para uma redefinição de letramento crítico. In: MACIEL, Ruberval Franco; ARAÚJO, Vanessa de Assis. (Orgs.). *Formação de professores de línguas: expandindo perspectivas*. Jundiaí: Paco, 2011.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. *Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

_____; MOURA, Eduardo. (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento, um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TAKAKI, Nara Hiroko. *Letramentos na sociedade digital: navegar é e não é preciso*. Jundiaí: Paco, 2012.